

Paz Incerta¹

Marina Lopes Mustafá FRANCISCO²

Ana Paula da Silva COSTA³

Fabio RAZUK JUNIOR⁴

Dr.^a. Denise Cristine PAIERO⁵

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

A reportagem em vídeo acompanha a luta pelo direito à moradia de uma favela próxima ao estádio Arena Corinthians, palco de abertura da Copa do Mundo de 2014, em Itaquera, zona leste de São Paulo. Com o uso de técnicas para condução de entrevistas em profundidade, a reportagem experimental retrata a incerteza de viver em um local sob constante ameaça de remoção. O trabalho apresenta uma narrativa humanizada que foge de estereótipos associados à cobertura jornalística da periferia e propõe novas linguagens para o telejornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: copa 2014; favela; moradia; periferia; reportagem.

1 INTRODUÇÃO

Paz Incerta é uma reportagem que apresenta a luta por moradia de famílias que residem na Comunidade da Paz, em Itaquera, zona leste de São Paulo. A cerca de 900 metros do estádio Arena Corinthians, os moradores do local passaram a conviver com constantes ameaças de remoção desde o anúncio de que a abertura da Copa do Mundo de 2014 aconteceria naquela região.

Ocupando uma propriedade pública da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB-SP), na Avenida Miguel Inácio Cury, essa favela começou a se formar em 1991. Os primeiros pedidos de reintegração de posse do espaço surgiram em 1996, mas foram deixados de lado com o tempo. No entanto, o clima de instabilidade ganhou força com a proximidade do megaevento esportivo e o projeto de expansão do Parque Linear Rio

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Telejornalismo (avulso).

² Aluna líder do grupo e recém-graduada no curso de Jornalismo, email: marinalopesmf@gmail.com.

³ Recém-graduada no curso de Jornalismo, email: anapaula_4sc@hotmail.com.

⁴ Recém-graduado no curso de Jornalismo, email: fabio_razuk11@hotmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo, email: denise@mackenzie.br.

Verde, previsto no pacote de obras do Pólo Institucional de Itaquera, criado com objetivo de promover infraestrutura adequada para sediar o mundial. Enfrentando problemas de saneamento básico e sem previsão para uma possível regularização fundiária, os moradores se reuniram para elaborar um plano alternativo de moradia que foi apresentado para as autoridades. (COLETIVO COMUNIDADES UNIDADES DE ITAQUERA et. al, 2012-1013)

Após rejeitarem a proposta de receber um auxílio aluguel para deixar o local, durante reunião⁶ na sede da Prefeitura de São Paulo, em abril de 2014, foi acordado que 120 famílias da comunidade seriam reassentadas para o Conjunto Habitacional São Sebastião, localizado também na região de Itaquera. Além disso, a Secretaria Municipal de Habitação assumiu o compromisso de encaminhar o restante dos moradores para outra unidade habitacional até o segundo semestre de 2016. Enquanto isso, os moradores permanecem no local sem previsões de quando e para onde serão encaminhados.

2 OBJETIVO

A reportagem tem o objetivo de retratar a luta pelo direito à moradia da Comunidade da Paz. Durante quase um ano, o trabalho acompanhou a sensação de incerteza que permeia a vida no local. São apresentadas as histórias dos moradores, como eles lidam com essa situação e as expectativas de deixarem ou não suas casas. Entre outros temas, os reflexos da Copa na região também aparecem durante a reportagem, mostrando o evento na perspectiva de quem ficou de fora.

Além de retratar esse clima de incerteza, a reportagem busca dar vida e voz para que os moradores contem suas histórias e apresentem o local pelos olhos de quem mora lá. A intenção é trazer um olhar mais humano para a realidade das pessoas que vivem em uma favela, propondo a eliminação de estereótipos que frequentemente estão associados à cobertura jornalística da periferia. A reportagem realizada não teve como objetivo explorar um cenário de violência ou mostrar os personagens do extremo da cidade como vítimas.

⁶ Documento com a ata da reunião disponível para consulta pública em
<<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/copa/transparencia/atafavpaz.pdf>>

A proposta também foi fugir dos discursos bem formatados e recheados de fontes oficiais, tentando romper com as rotinas industriais de produção da notícia e mergulhando no cotidiano de pessoas anônimas, como aponta Medina (2003). O objetivo não é trazer um parecer oficial sobre a situação legal da comunidade, mas construir um relato humano que foca na percepção dos moradores diante de uma possível remoção.

3 JUSTIFICATIVA

O tema desta reportagem foi escolhido pela necessidade de trazer visibilidade para histórias que acontecem na periferia e, muitas vezes, ficam de fora da cobertura dos principais veículos de comunicação. Embora a Comunidade da Paz já estivesse há mais de duas décadas instalada em um local com falta de saneamento básico e sem previsão de regularização fundiária, a sua história só começou a alcançar visibilidade por conta da proximidade geográfica com um estádio escolhido para sediar o jogo de abertura da Copa do Mundo de 2014.

Diante da falta de representatividade de temas ligados à periferia na cobertura jornalística, é importante trazer reportagens que apresentam uma proposta de falar com esses atores sociais. É necessário dar visibilidade para a “cena cotidiana e anônima de gente miúda — cidadãos, subcidadãos e deserdados”, conforme defende Medina (2003, p. 92).

O tema da reportagem também se justifica pela necessidade de trazer a humanização para as narrativas jornalísticas. De acordo com Ijuim (2009), o jornalista não pode se preocupar apenas com as técnicas de investigação, mas deve também trazer uma narrativa viva. Isso é possível quando o jornalista foca o processo de produção de uma notícia no ser humano. Ele deixa de lado os seus preconceitos para “proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas” (IJUIM, 2012, P. 133).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Produzida de forma experimental, a reportagem rompe com elementos convencionais ao optar por não utilizar as tradicionais sequências de off e passagem presentes no telejornalismo. Ela incorpora elementos da videoreportagem, estilo que confere maior

liberdade na sua estrutura e tem um caráter mais intimista na produção de reportagens em televisão, conforme apontou Barbeiro e Lima (2002).

Segundo Barbeiro e Lima (2002), a passagem tem a função de reafirmar o local da história. Porém, ao adotar uma linguagem semelhante ao estilo de uma videoreportagem, ela não se faz necessária, já que “a história transcorre toda, ou quase toda, no cenário em que aconteceu”. (2002, p. 73 - 74). Em relação ao uso de narração, os autores ainda destacam que nesse tipo de linguagem o off desaparece para dar espaço aos fatos e a história que se pretende contar.

Dialogando com a proposta de produção de uma narrativa humanizada, a presença do repórter fica implícita durante a reportagem, dando espaço para que os próprios moradores apresentem a história pelos olhos de quem vive lá. Para Silva (2007), esse formato da videoreportagem pode ser considerado uma alternativa inovadora para a produção de reportagens televisivas, podendo apresentar semelhanças com alguns elementos da linguagem documental:

A videoreportagem é um formato híbrido dentro do gênero jornalístico televisivo que mistura elementos audiovisuais tanto da reportagem televisiva tradicional quanto do vídeo-documentário recorrendo a todo instante a elementos de uma e outra linguagem. (SILVA, 2007, p. 9)

De acordo com Thomaz (2007), a videoreportagem é marcada por um caráter autoral, mas se diferencia do documentário por trazer um conceito de atualidade. Ambos estilos buscam aprofundar a investigação, porém, a videoreportagem não faz uso constante de documentos e nem de montagens ficcionais.

A busca por uma nova linguagem é a motivação de muitos profissionais ao executarem a difícil tarefa de produzir videoreportagens. Eles procuram fugir da padronização por meio de uma estética própria e inovadora. (THOMAZ, 2007, p. 123)

Em busca de uma linguagem visual própria, a reportagem Paz Incerta demonstrou também uma preocupação com a qualidade plástica do material. Foram utilizados dois cortes de câmera e diferentes enquadramentos.

O estudo de técnicas de entrevista também foi fundamental para a produção desta reportagem. De acordo com Medina (2001), para conduzir entrevistas com profundidade é necessário que o entrevistador se apague, dando espaço para que os personagens falem sobre suas histórias e anseios a ponto de atingirem um nível de confissão que supera acontecimentos superficiais do cotidiano.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (MEDINA, 2001, p. 8).

Para atingir esse nível de interação com os entrevistados, a reportagem procurou não se pautar por roteiros de perguntas prontas. Conforme apontou Medina (1996, p.224), colher informações não deve ser o único objetivo de um profissional durante o ato da entrevista. Seguindo esses preceitos, o trabalho tentou ir além de simplesmente dar a notícia, ultrapassando os limites do factual e propondo uma representação mais fiel do que é a vida em uma comunidade que convive com a incerteza de uma remoção.

Vale lembrar que o jornalista não se relaciona apenas com um objeto de conhecimento, mas também com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Portanto, para entender os fenômenos sociais é necessário compreender as ações dos sujeitos (ALVES E SEBRIAN, 2008, p. 8).

Os autores (2008, p. 8) destacam que a reportagem não deve trabalhar apenas com fatos isolados, mas propor uma contextualização de todas as histórias que compõem a narrativa. Pela lógica tradicional, o gancho da Copa deveria ser o elemento mais factual e com maior apelo noticioso da reportagem. Porém, em Paz Incerta, antes de apresentar a luta pelo direito à moradia existe uma preocupação de ambientar o espectador para que ele possa entender a história da Comunidade da Paz e a relação particular de diferentes moradores com território ocupado.

A reportagem parte de uma contextualização inicial para apenas depois trazer questões como as reintegrações de posse, os impactos da Copa e as possibilidades de reassentamento dessas famílias para um conjunto habitacional.

Ao invés de os profissionais se preocuparem com o imediatismo dos fatos e com a sua descrição, podem transmitir aos seus leitores quem são os agentes dos fatos, as pessoas que os vivenciaram, por meio do relato de histórias, experiências, conflitos e sentimentos. Uma forma em que os protagonistas sociais não seriam meros figurantes das afirmativas dos especialistas (ALVES E SEBRIAN, 2008, p. 14).

Para desenvolver essa reportagem de forma humanizada, adentrando no cotidiano da favela sem o uso de estereótipos, o trabalho também desenvolveu uma pesquisa bibliográfica que procurou compreender como se constrói a imagem da periferia na mídia. Partindo de uma perspectiva da semiótica da cultura, foi estudado o processo de formação da cidade na modernidade e os padrões de segregação no espaço urbano, buscando perceber como o jornalismo se apropria desse modelo para construir suas narrativas.

Durante a formação de cidades como São Paulo, conforme apontou Tsukumo (2007), foram constituídos dois territórios em paralelo: o centro, como local de desenvolvimento, e a periferia, alternativa de sobrevivência no espaço urbano encontrada por trabalhadores. Esse modelo pode ser explicado pelos padrões de formação das cidades modernas. De acordo com Bauman (1999), o advento da modernidade fez com que os Estados Nacionais excluíssem do centro de seu projeto civilizatório os indivíduos que não atendiam ao padrão desenvolvimentista da época, escondendo esses indivíduos nas margens.

Entender como o jornalismo se apropria dessa construção urbana para organizar suas narrativas foi importante durante o processo de construção da reportagem. Conforme apontou a autora Silveira (2009), esse padrão deu origem a um arquétipo de periferia, que frequentemente associa sua cobertura aos temas de exclusão social, desvios, tráfico e violência, privilegiando um enquadramento negativo. A caracterização da periferia como um lugar de desordem, segundo Cruz (2007), pode ser frequentemente observada nos noticiários. “Os discursos produzidos sobre os moradores de favelas ainda são fortemente marcados por estereótipos” (2007, p.9).

Para Lippmann (2008), os estereótipos refletem uma forma de organizar a realidade e o jornalismo costuma recorrer a eles como forma de ajudar seus espectadores formarem rapidamente uma imagem sobre determinado assunto. Porém, ao trabalhar com essas imagens, é grande o risco de generalizar e criar realidades midiáticas. No caso da reportagem Paz Incerta, essa compressão foi fundamental para desconstruir estereótipos de

forma mais consciente e não cair na tentativa comum de apresentar os moradores da Comunidade da Paz de uma forma homogeneizada. Embora eles tenham semelhanças e compartilhem do mesmo espaço para moradia, a reportagem busca destacar as particularidades de cada um.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem Paz Incerta foi elaborada durante o ano de 2014 como Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. O produto final é composto por um vídeo com 26 minutos e 33 segundos de duração, tempo que pode ser considerado grande para um telejornal tradicional, porém, aceitável para um trabalho experimental com a proposta de inovar no formato e linguagem.

O material foi produzido por um grupo de três integrantes, que dividiram suas funções, entre operação de câmera e condução de entrevistas, captação de áudio e sonorização e edição final do material. Durante este processo, foram utilizadas as câmeras Canon T2i e Sony Semi Profissional - NEX C3, além de um microfone boom, gravador de áudio e um equipamento de iluminação LED para tomadas internas.

A reportagem inicialmente apresenta a história dos personagens e como chegaram ao local. A narrativa se constrói de forma experimental e vai além do simples factual, trazendo as falas dos moradores sobre história da Comunidade da Paz e como começou a luta deles por habitação. Aos poucos são tratados temas como a chegada da Copa e os seus impactos na região, a possibilidade de reassentamento para um conjunto habitacional próximo e a organização da associação de moradores. Durante todo o vídeo também fica evidente o constante clima de incerteza que acompanha o local.

Aliás, a incerteza também fez parte do processo de produção deste trabalho, pois a equipe começou a reportagem sem ter uma clara noção de como seria o desfecho da história. A cada visita e gravação realizada apareciam novas datas previstas para que as primeiras famílias fossem removidas do local, sendo preciso manter constante contato com a liderança da comunidade. Entre o vai e vem de informações, até o término desta reportagem os moradores continuaram sem posições de quando iriam deixar o local.

Antes de iniciar as gravações, a equipe fez um trabalho em campo para conhecer a comunidade e estabelecer os primeiros contatos. As sete fontes que compõem a reportagem foram selecionadas durante visitas ao local, expressando uma preocupação em apresentar personagens diversos –homens e mulheres, moradores antigos e novos, membros da associação local e pessoas sem ligação direta com a organização da comunidade. São eles:

- Diana do Nascimento: dona de casa e moradora há 23 anos. É umas das mais antigas do local, acompanhou o crescimento da comunidade e participa ativamente da associação de moradores.
- Drancy Silva: aposentado e morador há 20 anos. Gosta de viver no local, mas aguarda com ansiedade o reassentamento para o conjunto habitacional.
- Edvanildo de Oliveira: pedreiro e morador há 5 anos. Está construindo uma laje na sua casa, mas tem medo de ser removido do local e perder o dinheiro que foi investido na obra.
- Jaílson da Silva: encarregado e morador há 23 anos. Também acompanhou o crescimento do local e não quer deixar a comunidade. Trabalhou na construção do estádio Arena Corinthians, mas não teve a oportunidade de conhecer pronto.
- Pedro Furtado: comerciante e morador há 14 anos. É aposentado e tira sua fonte de renda de um bar que vende bebidas e alimentos. Não deseja deixar o local para ser transferido para um conjunto habitacional.
- Rita de Cássia: comerciante e moradora há 17 anos. Conhece todos os moradores, pois é responsável pela distribuição de cartas na comunidade. Tem uma quitanda no local, mas não vê problema em se mudar para um apartamento.
- Washington Venâncio: encarregado geral e morador há 16 anos. É presidente da associação de moradores e acompanha de perto a luta pelo direito à moradia do local.

Após a realização de todas as entrevistas, o material bruto foi transcrito para possibilitar a montagem do roteiro. O trabalho foi editado no programa Final Cut Pro X, optando pelo uso de poucos efeitos visuais e cortes secos. Foi necessário sincronizar áudio e imagem, já que o grupo precisou captar o som em um gravador de áudio por necessidades técnicas. Por fim, em relação a sonorização, durante a reportagem aparecem as músicas “O personagem”,

do Tiro Inicial, e “Meu Povo Brasileiro”, do Groovibe’s, dois grupos da periferia, na zona leste de São Paulo, que cederam os direitos para uso.

6 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho procurou trazer um novo olhar para as questões de violação do direito à moradia na cidade. Realizado de forma experimental, ele mostrou que é possível construir reportagens mais contextualizadas que superam os limites e a superficialidade do factual. Paz Incerta tenta retratar a periferia de uma forma mais humana, dando espaço para que os personagens contem as suas histórias, falem sobre a relação com o próprio território e apresentem os impactos da Copa na perspectiva daqueles que ficaram de fora do evento.

Para produção desta reportagem foi possível integrar diversos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de jornalismo, aplicando técnicas de entrevista em profundidade, elaboração de roteiros, manuseio de equipamentos de vídeo, operação de áudio e técnicas de edição. Além disso, entendendo que a universidade deve ser um espaço propício para a experimentação, foi possível desenvolver um produto diferenciado que traz a proposta de romper com os tradicionais conceitos do off e passagem presentes no telejornalismo. O grupo investiu em uma linguagem que se aproxima do formato de uma videoreportagem, mas ao mesmo tempo preza pela qualidade plástica.

O resultado final traz um produto que propõe um olhar humanizado para a vida na favela, ao mesmo tempo que aposta em diferentes linguagens audiovisuais. Integrando teoria e prática, durante o processo de produção desta reportagem foi possível refletir sobre o papel do jornalismo de apresentar realidades que são invisibilizadas dentro de uma cidade grande como São Paulo.

Após a finalização e apresentação em banca, o grupo levou uma cópia da reportagem para ser exibida na Comunidade da Paz, em janeiro deste ano. A experiência foi interessante para observar a percepção dos moradores diante do produto final apresentado. O feedback dado por eles trouxe evidências de que os objetivos deste trabalho foram atingidos, visto que eles se sentiram representados ao verem suas histórias, até então anônimas, ganhando espaço dentro de uma produção jornalística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. Al.; SEBRIAN, R. N. N. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Guarapuava: Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2008.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

COMUNIDADES UNIDAS DE ITAQUERA et. al. **Plano Alternativo para a Comunidade da Paz**. Disponível em: <<http://vuzit.com/view/6mz96/?oid=3&key=Vuzit>> Acesso em março de 2014.

CRUZ, M.M. Vozes da favela: representação, identidade e disputas discursivas no ciberespaço. In: **Passando dos limites? Mídia e Transgressão – Casos Brasileiros**. V.2, p.77 – 91. Disponível em: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalistas/artigo-29.pdf>> Acessado em março de 2014.

IJUIM, J. K. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. In: **Em questão**, vol. 15, nº 2, Porto Alegre, 2009.

_____. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, v. 7, n. 2, p. p. 117-137, 2012.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MEDINA, C. A. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

_____. **Entrevista-o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2001. Séries Princípios.

_____. **Povo e Personagem**. Canoas: Editora da ULBRA, 1996.

SILVA, K. A. **A videorreportagem no telejornalismo**. Salvador, 2007.

SILVEIRA, A. C. M. **Modos de ver e devorar o outro: a ambivalência na cobertura jornalística das periferias**. In: Ghrebh, 2 (14), 2009

THOMAZ, P. **A linguagem experimental da videorreportagem**. Marília, 2007. Disponível em <<http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/62f36f755ae0945cd96fa2317a1747c8.pdf>> Acesso em abril de 2015.

TSUKUMO, I. T. L. **Habitação social no centro de São Paulo: legislação, produção, discurso**. São Paulo, 2007. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde.../Tsukumo.pdf> Acesso em abril de 2015